

# CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 25 de agosto de 1996

*Empresários, professores e líderes comunitários criam projeto para que população tenha orgulho de sua cidade*

# CEILÂNDIA ESPERANÇA

Fernanda Lambach  
Da equipe do Correio

Uma boa notícia. Criaram a Fábrica de Esperança, um programa especial para levantar o astral dos ceilandenses. A idéia é da organização não-governamental (ONG) Viva a Ceilândia, que pretende revolucionar o visual da cidade e trazer referências positivas para a população, ainda ressentida com os apelidos desagradáveis, como o de caldeirão do diabo, e com o grande número de crimes registrados, todas as semanas, em quadras como as da Expansão do Setor O e do Setor P.

“Não sei exatamente o que significa essa fábrica. Mas com um nome desses só pode ser bom”, diz Otávio Ribeiro, engraxate, 8 anos.

Fábrica de Esperança é um projeto que reúne empresários, professores e líderes comunitários interessados em criar motivos para os ceilandenses se orgulharem de viver em uma cidade que, apesar de ter nascido de uma favela, abriga, hoje, um pólo de desenvolvimento econômico.

## LAVAGEM CEREBRAL

A partir de 1º de outubro, turmas de 80 estudantes da rede pública de ensino serão levadas ao auditório da Associação Comercial e Industrial da Ceilândia para assistir vídeos e conhecer pessoas que começaram de baixo e hoje são bem-sucedidas na cidade.

“Se necessário, faremos uma lavagem cerebral. Mas vamos provar para esses meninos que há motivos para sonhar e construir um futuro melhor”, declara Álvaro Pereira Iaccino, empresário e coordenador da ONG.

Em conversas com estudantes da Ceilândia, em conjunto com três professoras que estão sendo contratadas pela ONG e com o apoio do promotor de Justiça Francisco Palhares, Álvaro pretende provar que pelo menos 20% das vagas nas universidades do Distrito Federal podem ser preenchidas por ceilandenses.

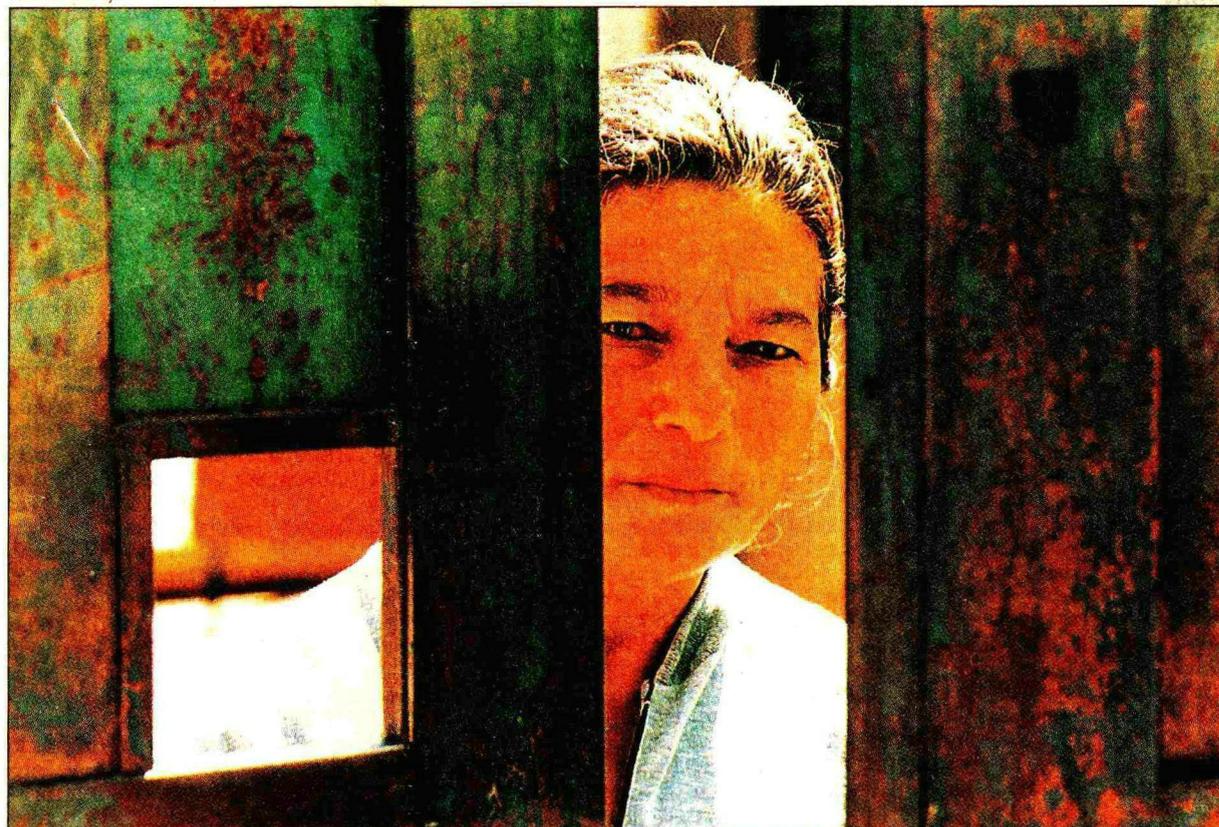
## MEDO

A Fábrica de Esperança chega em um momento em que a comunidade da Ceilândia já não vê maneiras de ajudar diretores, professores e porteiros das escolas da Expansão do Setor O e de outras quadras violentas da cidade a enfrentar uma fase difícil.

Na Escola-Classe nº 60, por exemplo, a porteira Lindaura Ribeiro de Jesus, 48 anos, está implorando para deixar a função e ir embora. Ela trabalha no período da manhã e tem sido ameaçada constantemente por jovens violentos que tentam, a todo custo, entrar na escola.

No período em que Lindaura trabalha não há policiais do Batalhão Escolar da Polícia Militar de plantão. As gangues de rua e mesmo alunos de outros turnos que querem atacar estudantes do período da manhã se

Paulo de Araújo



Lindaura de Jesus tem medo da violência e quer deixar de ser porteira da Escola-Classe 60, da Expansão do Setor O

aproveitam da falta de policiamento.

A gota d'água para a porteira, que pediu afastamento depois de seis anos no posto, foi uma festinha ocorrida há duas semanas. Meninos malencarados resolveram forçar o portão e “penetrar” na escola. Lindaura não quis deixar e foi empurrada. “Ó, dona Maria, vou estourar a escola toda”,

disse um dos garotos, mostrando uma arma, que estava escondida na bermuda.

“Vi nos olhos daqueles meninos que estavam drogados. Eles querem dominar tudo”, lembra Lindaura.

Maria de Fátima Ribeiro Silva, diretora da escola, está cansada de mandar trancar os portões, para im-

pedir que os alunos saiam. “Quando há tiroteio perto da escola, as mães ligam e pedem que eu não deixe seus filhos sair”, relata. Ela já perdeu dois porteiros, que não quiseram mais trabalhar na escola por causa das ameaças das gangues de rua.

Além da pancadaria do lado de fora das paredes reforçadas, Maria de

Fátima tem também de administrar a violência entre os próprios estudantes. É comum ela tirar facas dos alunos e proteger aqueles que estão ameaçados por galeras de rua que os esperam na hora da saída para acertar de contas.

## MODELO NOVA-IORQUINO

Para resolver o problema da falta de segurança nas escolas públicas da Ceilândia, o Governo do Distrito Federal criou uma comissão, formada por integrantes da Secretaria de Educação e da Secretaria de Segurança.

“O papel da comissão é traçar um mapa das escolas que estão efetivamente em áreas de risco, para que desloquemos policiamento para elas”, explica o assessor da Secretaria de Segurança Melillo Diniz do Nascimento. Segundo ele, a comissão também deve estabelecer, em 30 dias, os critérios para que os policiais do Batalhão Escolar da Polícia Militar sejam deslocados para determinadas escolas.

O secretário de Segurança, Roberto Aguiar, entrou em contato com William Bratton, ex-chefe de polícia de Nova York, para conhecer o modelo que os Estados Unidos aplicaram nas escolas para diminuir a criminalidade entre jovens.

O próximo passo do GDF será descobrir alternativas para despertar a população e mostrar que ninguém pode ficar de braços cruzados, conformado com o caos e a desordem.